

Trabalho e formação docente diante da plataformização, da financeirização da educação e da soberania digital

Teacher work and formation in the face of platformization, the financialization of education, and digital sovereignty

Trabajo y formación docente frente a la plataformización, la financiarización de la educación y la soberanía digital

Entrevista: José Claudinei Lombardi¹

Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar²
Universidade Federal de Goiás

Joana Peixoto³
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Jackeline Império Soares⁴
Secretaria Municipal de Educação de Goiânia

Iury Kesley Marques de Oliveira Martins⁵
Secretaria de Estado de Educação de Goiás



Foto: Márcio Carvalho
(HistedBR Tocantins)

Professor titular aposentado da Faculdade de Educação da Unicamp. Professor colaborador voluntário no Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp. Doutorado em Educação, Área de Concentração: Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (1993); Livre-docência em História da Educação na Faculdade de Educação da Unicamp; Professor Titular em História da Educação na Faculdade de Educação - Unicamp. Secretário de Educação de Limeira, SP, de janeiro de 2013 a janeiro de 2015. Experiência na área de Educação, com ênfase em

¹ Doutor em Educação. Unicamp, Campinas, São Paulo, SP, Brasil, E-mail: jcl.zezo@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9792876515583843>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3552-941X>.

² Doutorado em Educação. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. E-mail: adda.daniela@ufg.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3758976350155947>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3026-8860>.

³ Doutorado em Ciências da Educação. Universidade Paris VII (UPVIII), Paris, França. Instituto Federal de Goiás (IFG), Goiânia, GO, Brasil. E-mail: joana.peixoto@ifg.edu.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5636200472384576>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9469-5680>.

⁴ Mestra em Educação – UFG. Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME/Goiânia) e Doutoranda no PPGE/UFG. Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: jackelineimperio@discente.ufg.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9972485790762979>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1620-2609>.

⁵ Mestre em Educação. Professor da Secretaria de Estado de Educação de Goiás (SEDUC-GO) e doutorando em Educação na Universidade Federal de Goiás (PPGE-UFG), Goiânia, Goiás (GO), Brasil. E-mail: iurykesleybio@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5327634205459630>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5188-1878>.

	<p>Marxismo e Educação; Pedagogia Histórico-Crítica; e História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: pesquisa em educação; história da educação brasileira; história, trabalho e educação; e historiografia da educação. Autor e organizador de várias publicações. Coordenador executivo do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR). E-mail: jcl.zezo@gmail.com; Lattes: http://lattes.cnpq.br/9792876515583843; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3552-941X.</p>
--	---

Resumo: O professor e intelectual José Claudinei Lombardi (Zezo) ancora sua reflexão no marxismo para pensar nas discussões postas durante a entrevista. Segundo o autor, a ontologia marxista concebe o ser social em sua materialidade, entendendo a tecnologia como expressão do trabalho humano objetivado, mediada pelos processos produtivos e historicamente determinada pelas relações sociais. Com base em Marx, Engels, Gramsci, Mészáros e Antunes, ele argumenta que sob os fundamentos do capital, as inovações ampliam a produtividade, reforçam a dominação e precarizam o trabalho. Termos como “capitalismo digital” e “capitalismo de vigilância” captam aspectos conjunturais, mas podem obscurecer a essência: a exploração do trabalho vivo como base da acumulação de mais valor. No campo educacional, Lombardi evidencia que o tecnicismo e o neotecnicismo subordinam a pedagogia à lógica instrumental, aprofundada pelos processos de plataformação e financeirização, que implicam perda de autonomia e de soberania digital. O intelectual faz a defesa da Pedagogia Histórico-Crítica, a formação omnilateral e o desvelamento do fetichismo. Conclui propondo três tarefas: a crítica à educação burguesa; a práxis que democratize o saber sistematizado; e a formação política voltada à emancipação humana.

Palavras-chave: Marxismo; Tecnologia; Educação; Plataformação; Pedagogia Histórico-Crítica.

Abstract: Professor and intellectual José Claudinei Lombardi (Zezo) anchors his reflections in Marxism to reflect on the discussions raised during the interview. According to the author, Marxist ontology conceives of the social being in its materiality, understanding technology as an expression of objectified human labor, mediated by productive processes and historically determined by social relations. Drawing on Marx, Engels, Gramsci, Mészáros, and Antunes, he argues that, under the foundations of capital, innovations increase productivity, reinforce domination, and make work precarious. Terms like "digital capitalism" and "surveillance capitalism" capture circumstantial aspects but can obscure the essence: the exploitation of living labor as the basis for the accumulation of surplus value. In the educational field, Lombardi highlights that technicism and neo-technicism subordinate pedagogy to an instrumental logic, deepened by the processes of platformization and financialization, which imply a loss of autonomy and digital sovereignty. The intellectual defends Historical-Critical Pedagogy, omnilateral education, and the unveiling of fetishism. He concludes by proposing three tasks: a critique of bourgeois education; a praxis that democratizes systematized knowledge; and political education focused on human emancipation.

Keywords: Marxism; Technology; Education; Platformization; Historical-Critical Pedagogy.

Resumen: El profesor e intelectual José Claudinei Lombardi (Zezo) basa sus reflexiones en el marxismo para reflexionar sobre los debates planteados durante la entrevista. Según el autor,

la ontología marxista concibe al ser social en su materialidad, entendiendo la tecnología como expresión del trabajo humano objetivado, mediado por procesos productivos y determinado históricamente por las relaciones sociales. Basándose en Marx, Engels, Gramsci, Mészáros y Antunes, argumenta que, bajo los cimientos del capital, las innovaciones aumentan la productividad, refuerzan la dominación y precarizan el trabajo. Términos como «capitalismo digital» y «capitalismo de vigilancia» captan aspectos circunstanciales, pero pueden oscurecer la esencia: la explotación del trabajo vivo como base para la acumulación de plusvalía. En el ámbito educativo, Lombardi destaca que el tecnicismo y el neotecnicismo subordinan la pedagogía a una lógica instrumental, profundizada por los procesos de plataformización y financiarización, que implican una pérdida de autonomía y soberanía digital. El intelectual defiende la Pedagogía Histórico-Crítica, la educación omnilateral y la superación del fetichismo. Concluye proponiendo tres tareas: una crítica de la educación burguesa; una praxis que democratice el conocimiento sistematizado; y una educación política centrada en la emancipación humana.

Palabras clave: Marxismo; Tecnología; Educación; Plataformización; Pedagogía Histórico-Crítica.

Recebido em: 20 de setembro de 2025

Aceito em: 20 de outubro de 2025

Entrevista

O professor José Claudinei Lombardi, mais conhecido como *Zezo*, é doutor em Educação, na área de Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e livre-docente em História da Educação. Atualmente, é coordenador executivo do Grupo de Estudos e Pesquisas *História, Sociedade e Educação no Brasil* (HistedBr).

De acordo com o site do HistedBr, o grupo se dedica a investigar a educação em sua articulação intrínseca com a sociedade, compreendendo-a como fenômeno social, geográfica e historicamente determinado, e analisando-a por meio de métodos e teorias da área.

Em sua tese de livre-docência, o pesquisador afirma que “a educação não pode ser analisada sem levar em consideração que ela é parte integrante da sociedade e que é determinada, em última instância, pelo modo de produção da vida” e destaca, em especial, três dimensões que carecem de atenção: a formação intelectual, a formação corporal e a formação tecnológica.

O professor Lombardi possui uma trajetória dedicada à formação intelectual de estudantes e pesquisadores(as) que participaram de suas aulas, orientações e palestras. No contexto dos trabalhos que desenvolve sobre História, Sociedade e Educação no Brasil, em diálogo com a ciência, a tecnologia, o marxismo e a Pedagogia Histórico-Crítica, propomos aqui uma reflexão conjunta sobre algumas das múltiplas determinações do dossiê que estamos organizando, intitulado “Plataformização, financeirização da educação e soberania digital: em questão no trabalho e na formação docente.”

Zezo Lombardi - Prezadas Adda, Joana, Iury e Jackeline, é um prazer conversar com vocês. Primeiramente, agradeço sinceramente pelo honroso convite para conceder essa entrevista ao dossiê *Plataformização, financeirização da educação e soberania digital: em questão o trabalho e a formação docente*. Registro que fiquei particularmente sensibilizado com a cuidadosa contextualização de minha trajetória intelectual e pelas profundas questões levantadas, que dialogam diretamente com minhas investigações no HistedBR e nos estudos sobre Marxismo e Educação.

Na apresentação que fizeram, já deixaram registrado os caminhos filosóficos, históricos e políticos que tenho seguido, com a adoção do chamado marxismo originário ou marxismo ortodoxo (no sentido etimológico) de adesão à concepção em seus fundamentos originários, em sua raiz. Assumo, portanto, o fundamento materialista e dialético, a análise da contínua transformação de tudo o que existe, por força de suas contradições internas, o uso da categoria modo de produção como explicativo da base material da sociedade e a luta de classe como motor da história.

Manifesto desde já meu inteiro interesse em contribuir com esta relevante discussão, que articula de maneira tão pertinente as transformações tecnológicas contemporâneas com os fundamentos do trabalho docente. Fiquem à vontade para me chamar por Zezo, como sou conhecido pelos mais próximos.

REPOD - Agradecemos sua disponibilidade ao diálogo, professor. Desde a chamada revolução industrial, nós vivenciamos um grande desenvolvimento tecnológico que foi intensificado nas últimas décadas pelo uso das tecnologias digitais e da internet. Esse processo modificou a organização e a composição do mercado de trabalho. Postos de trabalhos administrativos e produtos associados a um salário intermediário foram substituídos pela tecnologia, o que de fato gerou reconfigurações do capital, que desembocaram, ainda, no aumento do desemprego e do subemprego. Diante disso, Zezo, como você avalia a pertinência da tese do “fim do trabalho” nesse contexto atual do capitalismo?

José Claudinei Lombardi (Zezo) – No meu entendimento, acompanhando vários autores marxistas, a tese do “fim do trabalho” é um profundo equívoco teórico que, sob a aparência de atualidade, de novidade, oculta o contrário: a perversa transformação e intensificação da exploração da força de trabalho. Tendo como pressuposto, como demonstrou Karl Marx na obra “O Capital”, o trabalho é uma dimensão fundante da

humanidade, é uma condição fundamental da existência humana, um processo metabólico entre o homem (ser social) e a natureza, que através dessa relação dialética produz os bens necessários à sua própria existência.

O que estamos acompanhando na atualidade, não é o fim do trabalho, mas uma violenta reconfiguração de suas formas, para garantir a exploração da mais-valia, fundamental à acumulação do capital. István Mészáros, em *Para Além do Capital*, demonstra com precisão que o sistema capitalista não superou sua dependência estrutural do trabalho, pelo contrário, aprofundou sua crise de reprodução, generalizando formas de trabalho descartáveis e precarizadas. É precisamente aqui que a contribuição de Ricardo Antunes (em obras como *O Privilégio da Servidão* e *Riqueza e Miséria do Trabalho* no Brasil) se torna importante, pois ele demonstra que vivemos não o fim, mas a era do trabalho precarizado, informal e intermitente, com o desmonte dos direitos e a erosão da organização de classe que vive do trabalho.

O que alguns analisam como “fim do trabalho” e até mesmo o “fim da história”, é a expressão do que Eric Hobsbawm, em *A Era dos Extremos*, caracterizou como as contínuas e drásticas reestruturações do capitalismo, como o contínuo processo de transformação histórica, em vista de suas insolúveis contradições entre as forças produtivas que se desenvolvem e colidem com relações de produção que não mais correspondem à acumulação. Nesse sentido, como bem analisa Paulino Orso, as novas tecnologias recombina as formas do trabalho, gerando uma multifuncionalidade do trabalhador que mascara a intensificação da exploração. O trabalhador de plataforma, tal como analisada por Antunes, é a antítese do fim do trabalho; é a materialização contemporânea da precarização do trabalho e dos vínculos informais de emprego. A centralidade do trabalho persiste, portanto, mas sob determinações que exigem de nós a análise histórica das crises capitalistas, da transformação desse modo de produção da vida material e espiritual (ou ideológica), promovendo a renovação teórica da crítica da economia política para podermos apreender as novas e complexas formas de exploração.

REPOD - Dando continuidade a essa explanação que o senhor já começou a construir, do ponto de vista ontológico, qual é a relação entre tecnologia e trabalho?

José Claudinei Lombardi (Zezo) – Primeiro um esclarecimento: na filosofia, a ontologia é a parte em que se busca um entendimento profundo do ser, isto é, sua essência. É a metafísica. A obra de Marx e Engels é antiessencialista, antimetafísica, anti-idealista, é uma concepção que combate a construção filosófica que opõe “ser” e “pensamento” (ideia). Com isso, a ontologia marxista é a análise do ser social, com base em sua realidade material e nas relações

que o caracterizam e transformam, através do trabalho e das condições de produção. É um conceito, portanto, que se fundamenta na materialidade da vida social, bem como do mundo natural, pois não existe uma ontologia para a natureza e outra para o homem como ser social.

Feito esse esclarecimento, do ponto de vista teórico do marxismo originário, a tecnologia não é uma força autônoma ou externa à sociedade, mas sim o trabalho humano objetivado e voltado à produção e desenvolvimento das forças produtivas, focando no desenvolvimento dos instrumentos, artefatos e máquinas de trabalho. É um produto histórico da atividade intelectual e manual da humanidade, cristalizado em instrumentos que tornam o trabalho possível e, a cada desenvolvimento, mais produtivo. Marx nos ensina, nos *Grundrisse*, que o sistema de máquinas é o poder do conhecimento objetivado, é trabalho morto acionado e valorizado pelo trabalho vivo. A tecnologia, portanto, é uma mediação fundamental do processo de trabalho, entre o homem e os meios de produção, é como um “órgão” criado pelo cérebro e pela mão humana para ampliar suas capacidades. No entanto, sua forma e aplicação são socialmente determinadas.

É esclarecedora a análise de Antonio Gramsci, sobre o fordismo e o taylorismo, nos “Cadernos do Cárcere”, de como a inovação técnica está indissociavelmente ligada à construção de um novo tipo de trabalhador e de uma nova hegemonia cultural, subordinando toda a vida ao ritmo da produção.

É esta também a minha análise, na tese de livre-docência, onde sustento que a educação não pode ser analisada sem levar em consideração que ela é parte integrante da sociedade e é determinada, em última instância, pelo modo de produção da vida, sendo a formação tecnológica um dos aspectos que precisa de atenção, ao lado da formação intelectual e corporal (Lombardi, 2010). Elucidativa a análise de Mészáros de como, sob a égide do capital, a potencialidade da tecnologia, resultado da atividade humana criativa, é convertida em instrumento de dominação e controle. No caso da educação, os instrumentos e técnicas de ensino foram investigados pelo José Carlos Souza Araújo (2006), e também nos estudos presentes da coletânea organizada por Lombardi, Saviani e Sanfelice (2002) e que demonstram como, na história da educação brasileira, as inovações tecnológicas foram repetidamente apropriadas para atender a interesses da modernização conservadora. Na mesma direção, Ricardo Antunes alerta que o desenvolvimento tecnológico, sob o comando do capital, gera uma dialética perversa, ou seja, potencializa a produtividade, mas simultaneamente destrói forças produtivas e degrada as condições de trabalho. A contradição reside, assim, entre o potencial emancipatório da tecnologia, limitada pelo seu uso sob controle do capital, e que resulta na submissão dos que vivem do trabalho em formas mais abstratas e intensas de exploração.

REPOD - Observamos na literatura acadêmica mais recente em educação, diversas denominações para o capitalismo, sempre em referência às funcionalidades predominantes da tecnologia em uso: “capitalismo de vigilância”, “capitalismo digital”, “capitalismo flexível” etc. O senhor diria que tais denominações representam instrumentos analíticos eficazes para compreender as reconfigurações do capital ou funcionam mais como mecanismos de ocultação de sua essência?

José Claudinei Lombardi (Zezo) - Esses conceitos expressam aspectos fenomênicos recentes da atual fase do capitalismo. O conceito de “capitalismo de vigilância”, por exemplo, descreve o novo *modus operandi* de acumulação baseado na extração predatória de dados. De toda forma, são expressões da conjuntura e seu uso corre o risco de, se esses termos forem elevados à condição de categorias, ocultarem as características fundantes do capitalismo analisadas por Marx: a exploração do trabalho vivo para a acumulação de capital.

Rigorosamente, como esses termos apreendem a aparência da realidade, tendem a fetichizar a tecnologia, como se o desenvolvimento tecnológico mudasse a lógica do capital em sua raiz. Teoricamente, o que estão chamando de “capitalismo digital” expressa uma dimensão atual dos instrumentos de informação e comunicação, muito longe de ter suplantado sequer o capitalismo industrial; é a sua forma contemporânea de realização e expansão, onde a vigilância e a dataficação são os meios para a otimização da extração de mais-valor. O uso desses conceitos pode se tornar parte do senso comum teórico, uma forma de hegemonia cultural, no sentido gramsciano, que destaca a novidade do meio, esvaziando a percepção da permanência da exploração e da estrutura de classe.

A tarefa da crítica, portanto, é integrar a análise dessas novas determinações – e aqui os estudos do HistedBR, inclusive os de Paulino Orso sobre trabalho e tecnologia, têm sido fundamentais para uma compreensão totalizante do sistema do capital, tal como propõe Mészáros. Nesta perspectiva, a análise de Ricardo Antunes sobre a “nova morfologia do trabalho” é essencial, demonstrando como a essência exploradora do capital se apropria das novas formas de organização produtiva, sejam elas digitais ou analógicas.

Sem uma análise da totalidade, focando no modo de produção capitalista, nossa luta fica fragmentada e inconsciente de seu verdadeiro inimigo.

REPOD – Com relação à questão formulada a partir da tese de Jeferson Gonzalez, intitulada “Das máquinas de ensinar aos objetos virtuais de aprendizagem: tecnicismo e neotecnicismo na

educação brasileira” (2022). O que o senhor pode nos dizer sobre o trabalho e a formação docente no contexto de plataformização, financeirização da educação e da falta de soberania digital?

José Claudinei Lombardi (Zezo) - A tese de Jeferson Gonzalez faz uma análise da relação entre educação, técnica e tecnologia nas formulações das pedagogias hegemônicas fundadas no tecnicismo e no neotecnicismo e, tendo sido orientador, considero que fornece uma chave analítica importante para compreendermos o atual embate no campo educacional, com o avanço da plataformização e o uso das tecnologias. A tese demonstra que a subordinação da pedagogia à lógica instrumental da técnica não é um fenômeno novo, mas é uma tendência histórica e recorrente da escola capitalista em sua busca por submeter o processo educativo aos seus imperativos de produtividade e controle.

A hipótese central da tese é que o uso de técnicas e tecnologias educacionais, quando orientado pelo tecnicismo ou neotecnicismo, possui duplo caráter objetivo e subjetivo. Quanto ao caráter objetivo, são expressões como produtividade, eficiência, neutralidade; expansão do mercado para produzir, circular e consumir tecnologias educacionais como mercadoria. No âmbito subjetivo, coloca em relevo o controle do trabalho docente, condicionando a formação humana aos ditames do modo de produção capitalista.

Nesse sentido, enquanto a educação estiver submetida apenas às formas, métodos e uso instrumental de tecnologia, o tecnicismo e o neotecnicismo limitam a educação a aspectos operacionais e meramente reprodutores das relações do mundo do trabalho.

É preciso atentar para o fato de que o uso de técnicas e tecnologias no trabalho educativo não é neutro, está implicado no contexto social, político e econômico, e carrega implicações quanto à finalidade da educação. Gonzalez (2022), faz uma retomada histórica das concepções tecnicistas e neotecnicistas na educação brasileira, mostrando como se articulam com o capitalismo e as formas de poder sobre o trabalho docente e a formação de sujeitos.

Com isso, a tese ajuda a entender criticamente o papel das tecnologias educacionais modernas (como objetos virtuais de aprendizagem) dentro de discursos de inovação, eficiência, qualidade, questionando seus pressupostos e propondo uma reflexão sobre alternativas pedagógicas. Ademais, oferece subsídios para quem defende uma educação que não seja apenas tecnicamente eficaz, mas politicamente consciente, socialmente justa e transformadora.

Para nós que assumimos a Pedagogia Histórica-Crítica, a finalidade maior da educação é a formação de sujeitos capazes de se inserir criticamente na sociedade e dominando os conhecimentos produzidos pela humanidade. Na nossa perspectiva, o uso de técnicas e tecnologias só pode ser justificado se contribuir para esse objetivo, ou seja, devem ser

instrumentos a serviço de uma educação emancipatória, contra-hegemônica, e não a serviço da eficiência, produtividade ou lógicas de mercado.

Essa questão me leva a problematizar ainda mais o processo de plataformização em curso nos 27 estados brasileiros, ainda que seja introduzido de modo mais intenso nos estados do Paraná e São Paulo. Com a adoção das plataformas digitais, está em curso o controle da educação pelas *Big Techs*, com a consequente financeirização e falta de autonomia de gestores, professores e estudantes e que, na verdade, são as expressões contemporâneas e radicalizadas desse neotecnicismo.

A plataformização opera como um neotecnicismo algorítmico, onde o controle deixa de ser apenas sobre os procedimentos didáticos e passa a ser um controle sobre os dados, os comportamentos e o próprio tempo dos(as) professores(a) e estudantes, como bem analisa Ricardo Antunes ao discutir a uberização e o controle digital do trabalho. O docente, definido por Saviani e Duarte como mediador essencial do conhecimento, tende agora a se tornar mero “gestor de interface de aprendizagem”, um operador de sistemas fechados que dita o ritmo e o conteúdo do trabalho educativo.

É a financeirização da educação que transformou o ensino, de um direito social e um processo humano complexo, em mero ativo financeiro. Com isso, a “eficiência” defendida pelo velho tecnicismo, assume agora a forma de métricas de rentabilidade, de *rankings* e de redução de custos, esvaziando a formação de seu caráter crítico e humanizador, tornando-a um treinamento em ferramentas que, como mostra a tese de Gonzalez, são apresentadas como neutras, entretanto, carregam em si um projeto de sociedade. A falta de soberania digital, por sua vez, aprofunda esta dependência, tornando o sistema educacional refém de corporações transnacionais, com os dados dos estudantes e a infraestrutura das escolas passando a ser governados por interesses alheios aos projetos nacionais e emancipatórios de educação, um tema que tem merecido reflexão pelos pesquisadores do HistedBR.

A tese de Gonzalez, portanto, nos alerta que a batalha contra a plataformização não é apenas técnica, mas teórica e política. Trata-se de desvelar, como faz a Pedagogia Histórico-Crítica, o fetichismo que encobre essas tecnologias, mostrando que elas são a materialização pedagógica de um projeto de sociedade que nega a centralidade do trabalho humano, agora alcançando a educação, tal qual anteriormente avançou sobre a produção e os serviços.

Defender a formação omnilateral, nos termos de Marx, é lutar contra essa conversão dos(as) professores(as) e estudantes em um apêndice do capital tecnológico financeirizado. É, em última instância, defender a escola como um espaço de resistência e de produção de um saber que sirva à humanização, e não à acumulação de capital.

REPOD – A tese do Jeferson e o comentário que você faz dela, nos permite compreender a perspectiva de análise da Pedagogia Histórico-Crítica, do HistedBR sobre a tecnologia na mediação do trabalho pedagógico-didático, nessas três dimensões que você bem destacou: a exploração, a expansão e o acirramento do processo de exploração do trabalho docente. Com isso você nos esclarece bem esse olhar da Pedagogia Histórico-Crítica para essa fetichização da tecnologia e seus desdobramentos, sobretudo nos fazendo compreender bem que a organização do trabalho pedagógico-didático implica em 10onsidera-lo em suas articulações com a forma como as pessoas produzem sua sobrevivência e nessa produção, a tecnologia está inserida.

José Claudinei Lombardi (Zezo) - Joana, eu insisto, e continuo insistindo, com os(as) estudantes de pós-graduação e, em especial, com meus(as) orientandos(as), que não basta sermos analíticos. Esse é um passo fundamental, mas é apenas o primeiro: trata-se da crítica à educação sob a égide do modo de produção capitalista. Se pretendemos avançar, formando novas gerações comprometidas com o processo de transformação em curso, pois a transformação está, de fato, em curso, é preciso compreender como o capital, diante de sua crise estrutural, cria mecanismos de alienação cada vez mais profundos. Nosso papel é caminhar na contramão dessa lógica burguesa, sendo propositivos.

Devemos indagar: o que temos a oferecer como alternativa para outra concepção de educação de crianças e jovens? É possível implementá-la em sala de aula? Evidentemente que sim. É possível aplicá-la nas escolas? Sim, desde que haja gestores sensíveis à necessidade de uma nova fundamentação pedagógica para o trabalho que realizam. Também é possível concretizá-la nas redes públicas de ensino, pois é por meio delas que se alcançam, em larga escala, os filhos e filhas da classe trabalhadora.

À medida que essas discussões se aprofundaram, o grupo HistedBR passou a oferecer cursos de formação docente, tanto voltados à pós-graduação quanto de extensão, alcançando professores em diferentes regiões do país. Esses cursos já atingiram cerca de cinco mil participantes, o que evidencia a importância de tornar a perspectiva pedagógica contra-hegemônica uma prática de alcance massivo, assim como faz o capital. A diferença é que não dispomos dos mesmos recursos de convencimento de que o capital dispõe. Atualmente, corporações empresariais convencem gestores de redes de ensino por meio da venda de produtos educacionais, utilizando sofisticadas técnicas de *marketing*. Controlam, assim, parte significativa das políticas educacionais, inclusive o próprio Ministério da Educação, impondo uma lógica mercadológica à educação.

Não possuímos o “poder de fogo” dessas grandes organizações empresariais. Quando o governo Lula venceu o embate contra o então presidente de extrema direita, a transição já se encontrava capitaneada por uma frente de direita necessária à derrota do bolsonarismo, um processo complexo. O desafio, agora, é sensibilizar os movimentos sociais a retomarem uma perspectiva de formação de massas: que sindicatos, partidos e organizações populares se voltem à formação política de base. Entretanto, tais entidades também sofrem um refluxo profundo, decorrente da precarização estrutural do trabalho e da vida.

Cada pessoa busca garantir suas próprias condições de existência, internalizando valores liberais que transformam questões coletivas em problemas pessoais. O liberalismo, ao afirmar a individualidade como princípio, convenceu o sujeito de que é “empresário de si mesmo”, “empregador de si mesmo”, o próprio capital em movimento. Essa lógica exerce um poder de alienação amplamente superior ao que nossa reflexão filosófica isolada consegue enfrentar.

Diante disso, como convencer quem perdeu o emprego e não tem perspectiva de retorno ao trabalho formal de que não deve se submeter às formas uberizadas de exploração? Como interpelar, de modo crítico e emancipatório, aqueles que lutam apenas por sobrevivência? Eis o grande desafio colocado ao pensamento e à prática educativa crítica na contemporaneidade.

REPOD - Temos nos debruçado sobre a perspectiva de apropriação contra-hegemônica da tecnologia pelos(as) trabalhadores(as) e pela sociedade organizada. Identificamos algumas experiências concretas, como sindicatos e associações, por exemplo, o MTST, que mantém um núcleo de tecnologia responsável pelo desenvolvimento de seus próprios aplicativos, além de mobilizações e greves de trabalhadores(as) uberizados(as). Trata-se, portanto, de uma perspectiva contra-hegemônica, que também deve orientar o campo educacional. É necessário romper com a submissão às grandes corporações e enfrentar o desafio de apropriar-se criticamente das plataformas e dispositivos tecnológicos, orientando-os a partir de uma lógica emancipatória.

Você gostaria de acrescentar algo sobre a relação entre a Pedagogia Histórico-Crítica, a fetichização do trabalho e a formação docente no contexto de plataformização, financeirização e falta de soberania digital? Gostaríamos ainda de dialogar contigo sobre como os pesquisadores da Pedagogia Histórico-Crítica têm se debruçado para pensar as formas de resistência à lógica da fetichização da tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem.

José Claudinei Lombardi (Zezo) - Estamos diante de um ataque triplo e coordenado ao trabalho docente. A plataformização transforma o(a) professor(a) em mero operador de ferramentas alheias, esvaziando sua autonomia intelectual e convertendo o ato pedagógico em

um conjunto de dados submetidos a métricas e avaliações. Como já afirmei, a financeirização trata a educação como um ativo financeiro, parte integrante do negócio educacional, impondo uma lógica contábil que suprime o tempo necessário à reflexão e à construção do conhecimento, substituindo a formação pelo treinamento.

Dermeval Saviani, com a Pedagogia Histórico-Crítica, e Newton Duarte, em seus estudos sobre a individualidade para si, definem o trabalho docente como mediação insubstituível entre o estudante e o conhecimento clássico. Este é o cerne atualmente sob ataque: a perda do controle do processo de trabalho docente, resultante da falta de soberania digital, torna o sistema educacional refém de impérios corporativos transnacionais, as *Big Techs*. Esse movimento configura um verdadeiro assalto à profissão docente, o que se revela à luz da conceituação de Ricardo Antunes sobre a “uberização do trabalho”, em que a lógica produtivista e de controle, potencializada pela tecnologia, invade todos os espaços e tempos da vida, inclusive a sala de aula e o planejamento pedagógico. Parte desse processo é a redução da formação docente a mero treinamento tecnicista, em evidente abandono do projeto de formação omnilateral proposto por Marx.

Defender a formação humana integral, no sentido da omnilateralidade, é um ato de resistência política. A resistência, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, inicia-se pelo desvelamento do fetichismo que, como na mercadoria, oculta e escamoteia as relações de trabalho que produzem as coisas, as relações e os fatos, neste caso, a própria educação. Trata-se de compreender que os produtos das relações de trabalho não possuem vida própria, poderes mágicos ou valores intrínsecos independentes do trabalho humano que os gera.

Aplicada à tecnologia, a lição de Marx sobre o fetichismo da mercadoria promove a desnaturalização dos instrumentos informacionais (*hardware* e *software*), evidenciando que, por trás do computador, do celular, do robô, do algoritmo ou da plataforma “inteligente”, há uma relação social de produção capitalista. Essas máquinas e programas, embora aparentem autonomia, são produtos do trabalho intelectual e manual humano. Essa aparência de independência resulta da fetichização tecnológica, reforçada pelo papel desses artefatos como aparelhos ideológicos e comportamentais. Dotados de algoritmos de compensação (mecanismos de estímulo e recompensa), intensificam o uso e produzem dependência, levando usuários a uma relação de servidão tecnológica.

O resultado é evidente: a indução ao uso intensivo dos dispositivos, conduzindo os sujeitos a viverem em um mundo virtual dissociado da realidade concreta. Marilena Chauí (2024; 2025), que já caracterizava o celular como instrumento de servidão, afirmou recentemente que os seres humanos vivem hoje como na caverna platônica, presos a um mundo de aparências e sombras. Nas ruas, nas escolas e nas salas de aula, a alienação atinge níveis

alarmantes, produzindo uma massa de indivíduos que vivem num mundo paralelo, distanciados da experiência real e formados por estímulos ideológicos mediados pela tecnologia.

Saviani e Duarte têm sido incansáveis ao demonstrar que o antídoto pedagógico não reside em uma rejeição romântica da técnica, mas em sua subordinação aos fins humanos da educação: a mediação do conhecimento sistematizado e o desenvolvimento do pensamento crítico. Nessa luta, a compreensão da nova morfologia do trabalho, formulada por Ricardo Antunes, é uma ferramenta teórica fundamental, pois permite entender a precarização do ensino como parte de um movimento global de ofensiva do capital. Essa é uma luta fundamentalmente gramsciana, uma batalha por hegemonia no campo educacional, que exige contrapor ao senso comum tecnocrático uma nova concepção de mundo.

O trabalho desenvolvido pelo HistedBR é um exemplo dessa resistência: a produção de um conhecimento histórico e teórico rigoroso sobre a educação constitui, em si, um ato de construção contra-hegemônica, a serviço daqueles que vivem do trabalho. Como sintetiza Mészáros, em *A Educação para Além do Capital*, a superação da educação burguesa somente será possível com a criação de um sistema educacional radicalmente novo, forjado na luta por uma sociedade que tenha superado a lógica destrutiva do capital.

Por fim, reitero que, para nós, educadores críticos, inclusive aqueles que encontram dificuldade em dialogar com o marxismo, é chegada a hora de nos dedicarmos a três tarefas fundamentais:

1. Empreender uma crítica radical e profunda à educação burguesa, desmistificando seus mecanismos classistas e desnaturalizando seu caráter de classe;
2. Organizar uma práxis educativa que possibilite aos filhos e filhas da classe trabalhadora o acesso a um saber crítico, sistematizado e historicamente produzido pela humanidade;
3. Atuar por uma formação política e revolucionária voltada à emancipação humana, não apenas à emancipação de uma classe, mas à superação de todas as formas de exploração e opressão.

REPOD - O *Kadjót* “Grupo Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre as Relações entre Tecnologias e Educação” em uma de suas produções evidencia que é necessário contrapor o projeto histórico do capital, marcado pela plataformização e pelo controle, ao projeto histórico da classe trabalhadora, pautado na educação emancipatória e na apropriação social da tecnologia, somente se efetiva mediante uma apropriação contra-hegemônica das tecnologias, o que exige a organização política da classe trabalhadora e a vinculação da tecnologia a projetos de socialização dos meios de produção.

A superação do capitalismo em crise e da escravidão tecnológica requer que a classe trabalhadora se aproprie da indústria automatizada, colocando-a a serviço da humanidade como propriedade coletiva, sendo democraticamente administrada. Tal ação, contudo, pressupõe o conhecimento concreto da realidade e a consequente luta de classes.

Essa luta remete à compreensão das dinâmicas de precarização e das possibilidades de enfrentamento no campo das inteligências artificiais, enfrentamento que pode viabilizar a construção de resistências intencionais à precarização do trabalho automatizado. Afinal, o sistema de inteligências artificiais permanece totalmente dependente do trabalho humano nos processos de manutenção dos *data centers*, bem como no aprimoramento, coleta e tratamento dos dados que sustentam a automação dos padrões da vida social.

Fechando esse momento de rico e denso diálogo, agradecemos a Revista Educação e Políticas em Debate (REPOD) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em nome da profa. Raquel Aparecida Souza e demais integrantes do comitê editorial, pela oportunidade de construirmos uma discussão sobre as questões de trabalho e formação docente no contexto de plataformização, financeirização da educação e soberania digital por meio desta bela entrevista. Por fim, reiteramos os agradecimentos ao colega e professor Zezo pela entrevista e informamos que o material bibliográfico indicado por ele será disponibilizado para o aprofundamento dos estudos das pessoas interessadas.

Referências

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

ARAÚJO, J. C. S. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia e tecnicismo. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações*. Campinas: Papirus, 2006. p. 13-48.

CHAUÍ, M. Por que Marilena Chauí classifica celular com objeto de servidão. *Diário do Centro do Mundo*, novembro de 2024. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-marilena-chau-i-classifica-celular-com-objeto-de-servidao/>. Acesso em: 08 de out de 2025.

CHAUÍ, M. Sou marxista pra valer, ainda odeio a classe média e não quero entrar no século 21. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 set. 2025. Entrevista. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/sou-marxista-pra-valer-ainda-odeio-a-classe-media-e-nao-quero-entrar-no-seculo-21-diz-marilena-chau-i.shtml>. Acesso em: 08 de out de 2025;

COLARES, M. L.; LOMBARDI, J. C. (Orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Histedbr; Autores Associados, 2012.

DUARTE, N. *A individualidade para-si*: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

GONZALEZ, J. A. *Das máquinas de ensinar aos objetos virtuais de aprendizagem*: tecnicismo e neotecnicismo na educação brasileira. 2022. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1256581>. Acesso em: 08 de out de 2025.

GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. In: GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

HOBBSBAWM, E. J. *A era dos extremos*: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOMBARDI, J. C. *Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels*. 2010. 377 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <https://acervus.unicamp.br/acervo/detalhe/769391>. Acesso em: 08 de out de 2025.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados; Histedbr, 2002.

MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. *O capital*: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. *O Capital*: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

ORSO, P. J. As novas tecnologias e a reorganização do trabalho. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, Tocantinópolis, v. 1, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2016.

ORSO, P. J. *Trabalho, tecnologia e educação*: os impactos da reestruturação produtiva na multifuncionalidade do trabalhador. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica*: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.